



Simpósio

Territórios, Memória, Reexistências e Patrimônio

23 a 25/03 de 2026
UFFS - Campus Chapecó

TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS - INVERNADA DOS NEGROS - SC¹

Maria Fernanda de Goes Fachin²
Renilda Vicenzi³

RESUMO

Este estudo visa analisar os percursos escolares das mulheres negras quilombolas, residentes na comunidade da Invernada dos Negros, em Santa Catarina. A partir de uma abordagem teórico-conceitual interseccional, considerando especialmente categorias sociais como raça, gênero e classe (Collins, 2022), (Collins; Bilge, 2020), (Akotirene, 2019), no recorte cronológico do pós-abolição. Com ênfase na coleta e análise de relatos, por meio da oralidade, individuais e coletivas, abrangendo narrativas da infância e juventude com vistas aos impactos da exclusão, da invisibilidade, do racismo, do machismo e das disparidades históricas na experiência escolar das mesmas. Para evidenciar como essas vivências moldaram suas percepções sobre a educação, com foco na lembrança dos obstáculos enfrentados e nas estratégias de resistência. A metodologia adotada une análise bibliográfica e estudo através de fontes orais, audiovisuais e documentais. Utiliza-se como fontes orais os relatos de Bertolina de Souza Pedroso, Angelina Fernandes da Silva, Nilda das Graças Silva, Maria Altiva Dias, Florência Lopes de Souza e Rosely de Fátima Oliveira. Ademais, como fonte audiovisual, o documentário *Sua cor bate na minha* (2005), contribui com as falas de Maria Luiza Lopes, Bertolina e Angelina. Já a Ação de Divisão de Terras (1928), como fonte documental auxilia na denominação das mulheres nomeadas como analfabetas naquele período. No decorrer da pesquisa, o não acesso à escola é compreendido como a negação de um direito. Contudo, essas mulheres, mesmo diante das adversidades, detêm outros saberes importantes, adquiridos a partir da experiência vivida, que possibilitam a construção de estratégias de resistência por elas desenvolvidas (Thompson, 1981). Considera-se que, mesmo em meio às barreiras impostas no pós-abolição pelo racismo estrutural, pela desigualdade social, pela baixa escolarização e por vivências marcadas pelas relações de gênero, essas mulheres participam social e politicamente da vida comunitária.

¹Texto apresentado no Simpósio Territórios, Memória, Reexistências e Patrimônio (UFFS), de 23 a 25 de março de 2026

²Graduanda em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus Chapecó*, contato: maria.fachin@uffs.edu.br.

³Doutora em História. Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus Chapecó*, contato: renilda.vicenzi@uffs.edu.br



Simpósio

Territórios, Memória, Reexistências e Patrimônio

23 a 25/03 de 2026
UFFS - Campus Chapecó

Palavras-Chave: Interseccionalidade. Mulheres quilombolas. Resistência. Trajetórias escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

COLLINS, Patricia Hills. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. São Paulo: Boitempo, 2022

COLLINS, Patricia Hills; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Fontes audiovisuais

Sua cor bate na minha. Produzido por Elizamara Nilson e Paula Argenta Garcia. Laboratório de Televisão Jornalismo Unochapecó. Projeto Experimental, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gm-WjcZwgvq>.

Fontes documentais

Arquivo Histórico Dr. Waldemar Rupp. Tombo 1928. **Ação de Divisão de Terras – 1928**.